

Corriere della Sera – 1 de março de 2017, p. 28.

Futura visita.

Assim como o Inominado de Manzoni, nós também podemos ficar admirados de que um só homem possa ser a pedra angular da solução dos nossos tormentos.

Papa Francisco em Milão A esperança num abraço

por Julián Carrón

Caro diretor, pensando na visita do Papa Francisco a Milão, voltou-me à memória uma página pela qual nutro uma grande afeição e que os leitores do *Corriere* devem conhecer bem; ela parece-me descrever o sentimento de muitos nestas semanas: uma espera cheia de curiosidade.

“À claridade que vinha pouco a pouco crescendo, distinguia-se na estrada do fundo do vale uma gente que passava, mais outra que saía das casas e se dirigia para o mesmo lado, para uma passagem à direita do castelo, todos em trajes domingueiros e num alvoroço extraordinário. – Que diabo têm eles? [...] O castelão ficou encostado à janela, contemplando atentamente aquele espetáculo móvel. Eram homens, mulheres, crianças; em grupos, aos pares, sozinhos; um, alcançando quem lhe ia à frente, juntava-se a ele; outro, saindo de casa, juntava-se ao primeiro que se lhe deparasse; e prosseguiam juntos, como amigos numa viagem combinada. Os gestos denotavam manifestamente uma pressa e uma alegria comuns. [...] Ele olhava, olhava; e crescia-lhe no peito muito mais do que uma curiosidade de saber o que seria tão capaz de transmitir um arrebatamento igual a tanta gente diferente. Pouco depois, o sicário veio referir-lhe que, na véspera, o Cardeal Frederico Borromeu, arcebispo de Milão, chegara [...]. O castelão, ficando sozinho, continuou a fitar o vale, ainda mais pensativo. – Por um homem! Todos alvoroçados, todos alegres, para ver um homem! Entretanto cada uma dessas criaturas deve ter um diabo que a atormente. Mas ninguém, ninguém terá um como o meu; ninguém terá passado uma noite como a minha! Que tem esse homem, para alegrar assim toda essa gente? [...] Oh! se ele pudesse achar para mim as palavras capazes de consolar! Se...! Por que não hei de ir também? Por que não?... Eu vou, vou sim” (Cf. A. Manzoni, *Os noivos*. São Paulo: Abril Cultural, 1971, p. 179-181).

Nós também ficamos tomados pelos nossos tormentos. Mas a própria consciência da nossa necessidade sem fim pode deixar-nos atentos ao menor sinal que anuncie uma possível resposta. Nós também, como o Inominado, podemos ficar admirados de ser um homem, um único homem, a pedra angular da solução dos nossos tormentos.

A chegada do Papa a Milão é para mim o recontecer dessa possibilidade. E, na companhia do Inominado, digo a mim mesmo: “Eu vou, vou sim” encontrar aquele que tem palavras “capazes de consolar”, ou seja, de despertar a esperança.

Desejo que todos os que forem ver o Papa possam reviver a experiência do encontro perturbador descrito por Manzoni: “Tendo acabado de entrar o Inominado, Frederico foi ao seu encontro de rosto amável e sereno, e de braços abertos, como a uma pessoa desejada. [...] O Inominado [...] ao levantar os olhos para o rosto daquele homem, sentia-se penetrar mais e mais por um sentimento de veneração imperioso e ao mesmo tempo suave [...]. Frederico estendeu a mão para apertar a do

Inominado. – Não! – bradou este. – Não! Longe, longe de mim! Não manche essa mão inocente e benfazeja. Não sabe tudo o que fez esta que quer apertar. – Deixe – atalhou Frederico, tomando-a com amorosa violência. – Deixe-me apertar essa mão que há de reparar tantos males, espalhar tantos benefícios, aliviar tantos aflitos, estender-se inerte, pacífica e humilde a tantos inimigos. [...] O Inominado desvencilhou-se daquele abraço [...] e exclamou: – Deus é realmente grande! Deus é realmente bom! Agora me conheço, percebo enfim quem sou; tenho as minhas iniquidades à frente, tenho horror de mim mesmo. Contudo...! contudo sinto um refrigério, uma alegria! Sim, uma alegria, como nunca senti em toda esta minha horrível vida!” (Cf. *Ibidem*, p.185-187).

Quem não gostaria de receber esse abraço do Papa Francisco? Aquele abraço que vimos repetir-se por todo o Ano da Misericórdia e que em breve alcançará fisicamente também a nossa diocese ambrosiana, como ressaltou o Cardeal Scola: “Encontrar pessoalmente o Papa, ainda que numa multidão, receber esse dom [...] é uma experiência que marca a vida” (11 de fevereiro de 2017).

Desejo que a admiração com a caridade do Papa para conosco nos leve a desejar ser como ele, experimentando o alcance pessoal e público da misericórdia, que nos torna – cada um onde estiver – mãos que reparam males, espalham benefícios, aliviam os aflitos e se estendem inertes, pacíficas e humildes, no abraço até mesmo aos inimigos.

Dizia Dom Giussani, filho desta diocese: “Cada um de nós, alcançado pela grande Presença, é chamado a ser reconstrutor de casas destruídas. [...] Cada um de nós é, todos os dias – desde que adiramos com sinceridade –, a bondade de Jesus, sua vontade de bem pelo homem que vive nestes tempos tristes e obscuros”, e assim “nasce o espetáculo de fragmentos de um povo, de uma sociedade diferente, definida por um clima diferente, [...] na qual se torna possível uma estima vencedora” (*L’Osservatore Romano*, 10-11 de fevereiro de 1997). E todos sabemos quanta necessidade há de sermos alcançados por um olhar cheio de estima para podermos enfrentar sem medo o incessante e quotidiano desafio da vida.

*Presidente da Fraternidade
de Comunhão e Libertação*